Inquieta respiração

Respiro palavras
como quem apalpa o silêncio das sílabas,
a pele invisível das letras
no limiar do sonho.

Respiro luz
um beijo com sabor a sol,
cheiro a mar no gesto do abraço
que me escreve no rosto, no cansaço.

E eu aprendo o corpo
como quem se perde para se encontrar,
e aprendo a alma
como quem não sabe onde começa.

E o amor não cabe inteiro
fica suspenso entre mim
e tudo o que não sei dizer.

Mia Alves

O que sobra do silêncio

Há dias em que o silêncio pesa mais do que o corpo,
e encosto-me às paredes mudas
do que não consigo dizer.
As palavras ficam do lado de fora,
como pássaros cegos
a bater no vidro sem saída.
Dentro de mim,
o mundo respira devagar,
e eu aprendo a não interromper.
Não há resposta nos gestos,
só vestígios de luz
a cair sobre aquilo que fui.
E eu fico assim,
entre o que sinto e o que não consigo nomear,
onde até o silêncio me escreve.

Mia Alves

A casa

Memórias ínvias
erguem-se pedra a pedra,
uma casa.

Mantém-se serena,
beijada pelas folhas soltas do vento,
respira na lenta deriva do tempo
e balança como a proa de um barco
ao bailado das gaivotas.

A casa também voa,
e eu aprendo o seu peso leve
sou casa habitada pelo que já não volta.

O rumor da água do rio
passa e acalma,
e, no silêncio,
a casa ainda me sonha.

Mia Alves

Afeição tíbia

Pousava à janela, o olhar cansado,
medido pelo tempo
e pelas rugas do entardecer.
Na chávena esquecida,
um chá de lúcia-lima arrefecia,
o silêncio espesso
bordava a casa de memórias.

Lembranças e rumores antigos
encostam-se às paredes,
em retratos sem idade
que respiram devagar.

A tua afeição suspirava
não era distância, não era dor,
antes uma réstia de amor.

E no fim,
uma afeição morna,
que não ardia, nem se apagava.

Mia Alves

Inventário do que não digo

O corpo sabe
e bebe
o que a boca não diz.

Num grito sem voz,
ouço o meu nome em silêncio.

Habito-me
no excesso do mundo
e na distância dos gestos.

A poesia salva,
mas o mundo não.

Sou sede de quase tudo,
e ausência de quase nada.

Sonhos colados ao corpo, sem asas,
saudades presas no peito,
a poesia reconhece-me
e fica.

Mia Alves